

**FANTASIA E CIÊNCIA NA AMAZÔNIA: O MUNDO PERDIDO, DE ARTHUR CONAN  
DOYLE**

FANTAZY AND SCIENCE IN THE AMAZON: THE LOST WORLD, BY ARTHUR CONAN  
DOYLE

**Roberto José da Silva**  
Universidade Estadual de Campinas

**RESUMO:** Em 1912 Arthur Conan Doyle publicou *O mundo perdido*, ingressando na ficção científica, a partir das pesquisas científicas realizadas pelos naturalistas, biólogos e zoólogos europeus que estiveram na Amazônia no século XIX. Nessa nova produção introduziu o Professor Challenger que se tornou personagem ícone de uma série de romances de ficção científica que viriam a ser publicados a partir dessa obra. Maple White foi o nome dado à terra encontrada num platô na bacia Amazônica, onde habitavam seres pré-históricos e Arthur Conan Doyle recorreu como pressuposto para expor e discutir teorias científicas vigentes naquele momento como, por exemplo, a origem das espécies, de Charles Darwin. Desse modo, o objetivo desse trabalho é fazer um exame de *O mundo Perdido* à luz das descobertas científicas daquele momento, assim como estudar as relações entre ciência e ficção, tendo a Amazônia com cenário desse romance.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arthur Conan Doyle; ficção científica; Amazônia; literatura fantástica.

**ABSTRACT:** In 1912 Arthur Conan Doyle published *The Lost World*, joining in the science fiction, from the scientific research conducted by Europeans naturalists, biologists and zoologists who went to Amazon in the nineteenth century. In this new novel Arthur Conan Doyle introduced Professor Challenger who became icon character of a series of scientific fiction novels that will be published from this work. Maple White was the name given to the land found on a plateau in the Amazon basin, where lived prehistoric beings and Arthur Conan Doyle appealed for granted to expose and discuss current scientific theories at that time, for example, the *Origin of Species* by Charles Darwin. Thus, the aim of this study is to make an examination of *The Lost World* under the light of scientific findings that moment, and to study the relationship between science and fiction, been Amazon as scenary of this novel.

**KEYWORDS:** Arthur Conan Doyle; science fiction; Amazon; fantasy literature.

Arthur Conan Doyle é mundialmente conhecido pelas suas várias histórias sobre o detetive Sherlock Holmes, considerado uma inovação no campo da literatura criminal. Porém, sua enorme obra também é marcada por histórias de ficção científica, peças e poesias.

Nascido em Edimburgo, em 1859, ainda jovem tornou-se agnóstico por influência de leituras de Thomas Babington Macauley. Formou-se em medicina em 1881, atuou

como médico, e esta profissão aliada às leituras de Edgard Allan Poe e Walter Scott influenciaram-no decisivamente na sua produção ficcional futura.

Depois de muito sucesso com as histórias do personagem Sherlock Holmes, veio a lume em 1912 o romance *O mundo perdido*<sup>1</sup>, cuja história pauta na aventura de desmistificar uma região, onde possíveis seres pré-históricos habitavam num planalto na região da bacia Amazônia. A expedição é composta pelo professor George Edward Challenger<sup>2</sup>, um brilhante, incompreendido cientista e líder da expedição; o professor Summerlee, cientista conservador, porém respeitado nos meios acadêmicos, com ideias opostas às de Challenger; Lorde John Roxton, aristocrata de formação militar, famoso e experiente viajante que já tinha estado na América do Sul; e o jovem jornalista irlandês Edward Malone, que impulsionado a fazer um ato de bravura para ganhar o coração de Gladys, sua amada, foi admitido na expedição para ser o cronista.

Misturando aventura e ficção científica, Athur Conan Doyle nos apresenta um planalto na Amazônia, onde dinossauros, seres pré-históricos, homens macacos e seres em evolução se misturam num único espaço e todos lutam pela sobrevivência. Como bem apontou Francisco Foot Hardman: “na virada do século XIX para o XX A Amazônia passou a figurar na literatura fantástica, de ficção científica e mitos populares” (HARDMAN, 2009, p. 29). As literaturas de viagem, ficção científica e fantasia se mesclam nesse romance ao trazer para o leitor um mundo onde poderia haver a possibilidade da vida de seres pré-históricos no início do século XX num lugar - platô - em que havia todas as condições climáticas e biológicas perfeitas para eles terem sobrevivido até aquele momento. O enorme monte basáltico criado por erupção vulcânica conseguiu neutralizar os vários obstáculos que exerceriam influência sobre a luta pela vida. A rocha piramidal separada na região amazônica por precipícios perpendiculares teria conservado as condições perfeitas para a sobrevivência de animais jurássicos como pterodátiles, megalossauros, iguanodontes, dimofordontes e estegossauros.

---

<sup>1</sup>Essa obra foi publicada em forma de folhetim pela revista britânica *Strand Magazine* entre abril e novembro, em Londres, de 1912, e ilustrada pelo artista neo-zelandez Harry Rountre. Várias são as traduções para o português dessa obra no Brasil. As mais conhecidas são: a de 1958, traduzida por Raul de Polillo pela a Editora Melhoramentos/Clube do Livro e reeditada em 1987; a de 1998, traduzida por Romualdo Apis Guimarães, pela Editora Nova Alexandria; a 2001 de Luiz Horácio da Matta, pela Editora Francisco Alves; e a de 2001 de Ulisses Capozoli, pela editora Companhia Editora Nacional.

<sup>2</sup>O personagem George Edward Challenger volta a aparecer em outros romances de ficção científica: *A nuvem envenenada* (1913), *A terra das brumas* (1926), *A máquina da desintegração* (1927), *Quando o mundo gritou* (1928).

*O mundo perdido*, publicado em 1912, é o resquício do romance de aventuras, das grandes descobertas do século anterior com a ficção científica. Como romance híbrido, essa obra se destaca por apresentar uma proposta de um mundo onde seres pré-históricos existiram, num lugar ainda desconhecido pelo homem, a Amazônia aparece como terra enorme e desconhecida. Como bem apontou Euclides da Cunha, quando esteve na Amazônia, entre 1905 e 1906, esta terra era jovem e precisava ser descoberta e explorada racionalmente. *O mundo perdido*, nesse sentido, foi mais uma obra a ser revelada para os europeus. Os cientistas e exploradores europeus já haviam realizado o trabalho de apresentá-la para o velho continente, porém o alcance de público leitor era restrito aos cientistas e curiosos. Com *O mundo perdido* a leitura despretensiosa entra em vigor e alcança um número enorme de leitores, da mesma forma como aconteceu com *A Jangada: oitocentas léguas pelo rio Amazonas*, de Júlio Verne, publicada em 1881 ao alcançar um número grande de leitores na França, e estes passaram a ter conhecimento sobre a Amazônia.

A expedição partiu de Londres em direção à América do Sul com o propósito de comprovar uma descoberta de Challenger: que em um platô<sup>3</sup> isolado no meio da floresta amazônica haveria dinossauros e outros seres pré-históricos. Os aventureiros avançam pela floresta amazônica e encontram o santuário pré-histórico, onde passam por grandes experiências com os terríveis animais da região e enfrentam inúmeros perigos, tendo escapado por pouco da morte nas mãos dos homens-macacos. Ao retornar a Londres, depois de conseguir sair do mundo pré-histórico com a ajuda de um dos nativos da região, recebem uma acolhida triunfal da população londrina. E para provar a existência daquela terra e dos seres pré-históricos que lá habitavam, levaram um pequeno exemplar, o que causou grande alvoroço na cidade.

Os expedicionários ao chegar ao platô, batizam o lugar com nome de Maple White em homenagem ao primeiro homem branco que esteve naquela terra e foi morto pelos homens-macacos. Lá encontram os afáveis índios Accalas, seres animais e cruéis -

---

<sup>3</sup>O platô seria uma referência ao Monte Roraima na tríplice fronteira entre Brasil, Venezuela e Guiana. O Monte Roraima foi descoberto pelo poeta e explorador inglês Walter Raleigh (1552-1618). Em seu texto "*A descoberta da Guiana*" (1596), relata sobre as maravilhas desse monte. Em 1886, o botânico inglês Everard im Thurn descobriu um caminho para subir ao topo, pela Venezuela. O primeiro brasileiro a chegar lá em cima foi o marechal Cândido Rondon. Em 1927, ele fixou ali uma demarcação da tríplice fronteira entre Brasil, Guiana e Venezuela.

chamados de homens-macacos, inimigos e opressores da tribo Accala, também encontram inúmeros seres pré-históricos.

Esses aventureiros, nessa terra, vivem os perigos e desafios dela, descobrindo espécies, fugindo de dinossauros predadores, numa aventura que culmina na força e sobrevivência dos animais mais fortes sobre os mais fracos e na guerra entre os homens-macacos e os Accalas. Com a ajuda dos expedicionários - que possuíam armas de fogo, os Accalas conseguem vencer os homens macacos e ficar livres. Após esta guerra os aventureiros retornam para Londres.

Nessa história não temos data do tempo histórico exato. Porém, há algumas passagens que nos remetem a crer que a história se passa no início do século XX, pois há uma rápida passagem em que trata do currículo do Professor Challenger que pertencia a alguns institutos de ciência já no fim do século XIX. O tempo da história corresponde a aproximadamente cinco meses, entre julho a novembro, de acordo com as poucas referências de datas citadas por Malone. Em se tratando de espaço ficcional, também não temos exatidão do lugar. Apenas sabemos que se trata de um lugar no alto Amazonas, nas fronteiras entre Brasil, Peru e Colômbia. Cidades como Óbidos, Pará (Belém) e Manaus são citadas frequentemente, quando os expedicionários estão subindo o rio Amazonas a caminho do platô. A relação dessa região com o mundo real se dá pelas referências das expedições de Wallace e Bates entre 1848 a 1859. Segundo alguns historiadores, a região desse platô - planalto - seria uma referência ao Monte Roraima na tríplice fronteira entre Brasil, Colômbia e Guiana. Provavelmente Arthur Conan Doyle leu os relatos do britânico Everard Ferdinand im Thurn<sup>4</sup>, que fez uma expedição neste monte em 1884.

O universo da ciência é o fator que impulsiona essa história fantástica na Amazônia. A própria formação dos Professores Challenger e Summerlee são expressões da ciência. O Professor George Edward Challenger era um brilhante e incompreendido cientista, discípulo de Darwin e Galileu, já o Professor de anatomia Summerlee, era um cientista conservador, porém muito respeitado nos meios acadêmicos, e opositor das ideias do Professor Challenger. Summerlee e Challenger, em discordâncias, em todo o

---

<sup>4</sup>Everard Ferdinand im Thurn nasceu em Londres em 1852 e morreu em 1932 em Prestonpans. Foi escritor, explorador, botânico, fotógrafo e governador de Fiji. Estudou na Universidade de Oxford, Edimburgo e Sydney. Foi curador do Guyana National Museum, em Pomerom, na antiga Guiana Inglesa. Chefiou a primeira expedição a atingir o Monte Roraima.

momento, tentam encontrar explicações lógicas para aquela terra isolada no alto da floresta amazônica, a partir das teorias científicas que dominavam aquele momento.

As referências à teoria da seleção natural, de Charles Darwin<sup>5</sup> aparecem com frequência na obra como forma de ilustrar o apego do escritor às teorias científicas da época:

\_Todo grande descobridor foi sempre recebido com a mesa incredulidade ... A marca inconfundível de uma geração de tolos. Quando grandes fatos são apresentados aos seus olhos, os senhores não têm a intuição, a imaginação, que poderia ajudá-los a compreender tais fatos. Os senhores só conseguem atirar lama contra os homens que arriscam a vida, no propósito de abrir novos campos à ciência. Os senhores perseguem os profetas! Galileu, Darwin e eu ... (DOYLE, p. 63).

Nesse discurso, o Professor Challenger é vaiado na sede do Instituto Zoológico, em Londres, por apresentar suas posições científicas e afirmar que existia um platô onde haveria condições perfeitas para a existência de seres pré-históricos, na região da Amazônia, porém precisava fazer uma expedição para provar isso.

Em *O mundo perdido* nos deparamos diante de transferência de saberes e conhecimentos, visto que Arthur Conan Doyle nunca esteve no Brasil e nem na América. Para escrever esta história fantástica recorreu aos textos dos pesquisadores que estiveram na enorme região da Amazônia. De acordo com Béatrice Joyeux-Prunel, a transferência cultural envolve deslocamento de objetos, de pessoas e de saberes entre dois espaços: “A noção de transferência cultural implica um movimento de objetos, pessoas, populações, palavras, ideias e concepções [...] entre dois espaços culturais - Estados, nações, grupos étnicos, espaços linguísticos, áreas culturais e religiosas” (JOYEUX-PRUNEL, 2002, p. 153). Em *O mundo perdido* estamos diante da relação de transferência de um saber sobre a Amazônia que foi adquirido por vários pesquisadores europeus que vieram para essa floresta, pesquisaram e publicaram suas obras sobre a diversidade da flora, da fauna e das etnias, na Europa. Esse farto material foi o objeto para a mente fértil de Arthur Conan Doyle e este escrever seu romance com as investidas nas descobertas científicas da época, notadamente, a teoria da seleção natural, de Charles Darwin. Da mesma forma, esse romance influenciou outros escritores a escrever outros textos onde novos mundos perdidos com seres pré-históricos são apresentados,

---

<sup>5</sup>Em 1859 Charles Darwin publicou o livro *A Origem das espécies*, onde conceituou sobre a Teoria da seleção natural.

basta citar *Plutonia* (1915), de Vladimir Obrucher, *The Land that time forgot* (1916), de Edgard Rice Burroughs, e a famosa série *Land of the Lost* (1974), de Michael Crichton.

Em conformidade com a história, Arthur Conan Doyle não registrou apenas a Amazônia que deslumbrava a seus olhos, escrita sob o olhar de La Condamine, Wallace e Bates, registrou também o comércio da borracha que fez a Amazônia ganhar vida econômica e estimular a comercialização desse produto entre 1880 a 1912, no período denominado *boom* da borracha:

Os fatos reais eram os de que Lorde John se havia encontrado, vários anos antes, naquela terra de ninguém formada pelas fronteiras meio definidas entre o Peru, o Brasil e Colômbia. Neste grande distrito, floresce a árvore silvestre da borracha, transformando-se, como aconteceu no Congo, em maldição para os nativos; esta maldição só pode ser comparada ao trabalho forçado, a que os nativos se viram submetidos, ao mando dos espanhóis, nas antigas minas de prata de Darien. Um punhado de mestiços vilões dominava o setor; armara os índios que se haviam disposto a apoiá-lo; e transformara os índios restantes em escravos, aterrorizando-os com as torturas mais desumanas, a fim de os obrigar a colher látex, que, depois, era remetido, flutuando pelo rio abaixo, até ao Pará. Lorde John Roxton pugnara a favor das desgraçadas vítimas, e nada mais receber do que ameaças e insultos, em troca dos seus esforços. Então, em consequência disto, ele declarou guerra, formalmente, contra Pedro Lopez, chefe dos dominadores de escravos; arrolou, a seu próprio serviço, um bando de escravos fugitivos; armou estes elementos; e empreendeu uma luta que se concluiu com a morte, pelas próprias mãos do lorde, do conhecido mestiço; com isto, veio abaixo todo o sistema de exploração que Pedro Lopez representava (DOYLE, 1987, pp. 81 - 82).

A árvore da borracha, que para o Brasil representou um ciclo econômico fundamental para a Amazônia brasileira, ainda que tenha tido exploração aos nordestinos que para lá seguiram, foi determinante para o desenvolvimento da região. Já para o Peru, esta árvore representou mais um elemento de aprisionamento e escravidão aos índios, além da prática do trabalho forçado. O progresso que essa árvore trouxe para a região da Amazônia brasileira não aconteceu similarmente nos países da Amazônia espanhola. Os índios dos países da América espanhola que já tinham sido explorados, e parte exterminada, pela procura ao ouro pelos espanhóis, nos séculos anteriores, a partir do século XIX passaram a ser explorados e escravizados na extração da seiva do *caucho*<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup>*Caucho* - A palavra se origina do espanhol *caucho*, a partir de *káutchuk*, termo indígena da língua quíchua do Alto Amazonas, provavelmente no Peru. Trata-se de uma árvore que atinge mais de 35 m (*Castilloa ulei*), da família das moráceas, nativa do Alto Amazonas, produz madeira para pasta de papel, látex para a

Já no Brasil, o processo se dá de forma diferente, com a intensa migração de nordestinos que deixaram o sertão, em razão das secas, e para a Amazônia partiram, com o sonho de enriquecer. Porém, lá foram colocados em condições próximas às da escravidão, pois seus direitos foram todos ceifados pelos donos dos seringais.

A ideia da superioridade das raças, baseada na sobrevivência da raça mais forte é visível em todo o decorrer do romance. Logo no início do romance vemos Gladys, a namorada de Malone, infectada pelo bovarismo, incitando seu pretendente a casamento, ao anunciar que gostava de homens fortes e corajosos, o oposto de Malone, medroso e fraco. Essa incitação é a tônica para o jovem tomar a decisão em partir para a Amazônia, na expedição do doutor Challenger, na esperança de conseguir um grande feito, típico dos homens corajosos e conseguir casar com Gladys. Um outro fato que marca essa característica é o personagem negro, Zambo. Este foi contratado na Amazônia, com mais dois bolivianos, para dar apoio aos expedicionários até o platô. Porém, ele é colocado na condição de inferioridade em razão da sua raça e comparado a um cavalo forte e a um cão fiel: “O primeiro é um negro gigantesco, chamado Zambo, que é um Hércules, tão diligente como qualquer cavalo, e quase igualmente inteligente” (DOYLE, 1987, p. 83). [...] “Zambo, que é fiel como um cão e alimenta o ódio que toda a sua raça manifesta para com os mestiços, viu-se arrastado para fora do esconderijo e conduzido à nossa presença” (DOYLE, 1987, p. 91 - 92). Segundo Neide Gondim, a relação de Zambo com os brancos é de subalternidade. Ele desenvolveu um afeto ao grupo da mesma forma que um cão se afeiçoa ao seu dono. É nele que os aventureiros depositam suas confianças. [...] “E os brancos ficam na dependência *do fiel companheiro, o único elo de ligação, merecedor de confiança, com mundo exterior*” [...] (GONDIM, 1994, p. 186).

Mas o maior dos exemplos sobre a ideia da sobrevivência das raças fortes e desaparecimento das fracas está justamente nas brigas existentes entre os homens-macacos, extremamente fortes, porém de “pouca inteligência”, e a tribo indígena dos Accalas. Os homens-macacos eram soberanos sobre os Accalas no planalto, e quando conseguiam capturar alguns dos índios, em um ritual de festa, arremessavam-os de um

---

borracha. Com folhas oblongas, frutos com polpa mole, comestível, e sementes oleaginosas. Sua borracha é de qualidade inferior ao se comparar com a *Hevea brasiliensis*, árvore que produz borracha de alta qualidade e encontrada em todo o alto Amazonas brasileiro.

penhasco e lá em baixo eram espetados em bambus pontiagudos inclinados para cima como se fossem lanças em pé:

[...] Ontem, os homens-macacos agarraram uma dúzia de seres humanos, e os trouxeram para o lado de cá, na qualidade de seus prisioneiros. O senhor nunca ouviu um palrar como aquele, nem uma gritaria daquela ordem, em sua vida. Os homens macacos eram pequenos sujeitos vermelhos; tinham sido espancados e mordidos, a tal ponto que mal conseguiam caminhar. Os homens-macacos mataram dois deles, ali mesmo; e, depois, com extrema facilidade, arrancaram o braço de um dos mortos; aquilo era perfeitamente bestial. Os humanos daqui são uns pequerruchos corajosos; não emitiram sequer um gemido. (Doyle, p. 193)

Dois homens-macacos haviam agarrado um dos índios, separando-o do grupo; e, agora, estavam arrastando-o para a frente, para a beira do penhasco. O rei ergueu a mão, como sinal. Os homens macacos pegaram o índio pelas pernas e pelos braços; balouçaram-no, para a frente e para trás, por três vezes, com tremenda violência; depois, com arremesso espantoso, atiraram o pobre trapo humano pelo precipício abaixo. Com tal força efetuaram o lançamento, que o índio fez uma curva alta no espaço, antes de começar a cair. Quando o corpo do infeliz desapareceu da nossa vista, a inteira assembleia, com exceção dos guardas, correu para a frente, indo postar-se à orla do planalto; depois, houve uma longa pausa, de silêncio absoluto, finalmente interrompido por uma algazarra de júbilo. Os homens-macacos pularam por ali, agitando no ar seus braços longos e peludos, e rugindo de exultação. A seguir, retiraram-se todos da orla; tornaram a formar o alinhamento anterior; e ficaram à espera da vítima seguinte (DOYLE, 1987, pp. 200- 201).

Os índios Accalas eram mais fracos que os homens-macacos, porém eles eram lutadores e mais inteligentes do que os homens macacos, de modo que conseguiam fugir e se esconder nas cavernas e assim a população dos Accalas não era exterminada e conseguia sobreviver naquele ambiente.

Porém, logo depois que os expedicionários brancos - que possuíam armas de fogo - chegaram ao platô, os índios se juntaram a estes e atacaram os homens-macacos destruindo por completo essa espécie, valendo assim a máxima da soberania do mais da permanência do mais forte e o desaparecimento dos mais fracos:

A vitória dos índios e a aniquilação dos homens-macacos assinalaram o ponto da reviravolta do nosso destino. Dali por diante, passamos a ser os verdadeiros senhores do planalto, pois os nativos olharam para nós com um misto de medo e de gratidão; e isto porque, por via das nossas forças, para eles estranhas, os havíamos ajudado a destruir o inimigo que integrava uma herança dos tempos. Em seu próprio benefício, eles gostariam, talvez, de assistir à retirada de uma força tão formidável, ou de



uma gente dotada de poderes tão incalculáveis; mas também eles não tinham recurso para nos sugerir o meio de voltarmos à planície lá de baixo (DOYLE, 1987, p. 224).

A mesma luta pela sobrevivência também se percebe entre animais pré-históricos<sup>7</sup>, entre os carnívoros e os herbívoros, sendo estes devorados por aqueles. Os herbívoros eram mansos e também eram devorados pelos índios Accalas, num processo de escala alimentar. O que determinava naquele lugar a sobrevivência nem sempre era a força, como se vê nos dinossauros carnívoros que se alimentavam dos herbívoros, mas também o uso da inteligência como fonte a mais na sobrevivência. Os Accalas, com inteligência superior, conseguiam pastorar e fazer armadilhas para pegar e comer os dinossauros equisetáceos. A terra de Maple White era um espaço da sobrevivência das espécies mais fortes e mais evoluídas, porém os mais fracos também tinham suas formas de se defender e sobreviver, e foi isso que fez com que aquele planalto se torna-se um espaço único onde todos os seres conseguiam sobreviver isolados das outras partes da terra.

É importante ressaltar que quando Arthur Cona Doyle publicou *O mundo Perdido, A origem das espécies* (1859) já estava causando grande repercussão no mundo da ciência. Segundo Roberto C. Belli essa obra revolucionou não só a biologia, mas implantou também a ideia da evolução pela seleção natural, o que organizou as ciências no caos que se encontrava e trouxe uma nova visão do ser humano em relação à terra e ao universo. Na mesma época, “Humboldt influenciou o mundo com suas descobertas no campo da geografia, etnografia e história natural, e com sua obra *Cosmos* (1845 - 1859) criou novos parâmetros para o mundo científico e, é claro, das navegações” (BELLI, p. 35).

Com esse arcabouço científico a Amazônia tornou-se o espaço privilegiado para Arthur Conan Doyle criar sua história científica sobre seres pré-históricos e animais em plena evolução, visto que no início do século XX ainda pouco se conhecia sobre a potencialidade científica da Amazônia. A tônica científica desse romance reside justamente na teoria da seleção natural onde as espécies mais fortes sobrevivem. Esta máxima percorre todo o romance, seja nos diálogos entre os personagens, seja nos

---

<sup>7</sup>(dinossauros equisetáceas - enorme lagartos herbívoros; pterodáctilos - enormes aves carnívoras; alossauros – carnívoros; símio antropeide - macaco; iguanodontes - dinossauros vegetarianos que os índios comiam; plesiossauro - réptil dinossauro; enormes serpentes).

discursos dos narradores<sup>8</sup>, ou na própria trama, como vemos nos capítulos finais quando os homens-macacos são derrotados:

Ao fim da vitoriosa campanha, os sobreviventes da raça dos homens-macacos foram para a outra banda do planalto – os seus gemidos eram espantosos - e instalados nas proximidades das cavernas dos índios, onde, de agora em diante, viverão na qualidade de raça servil, sob os olhares dominadores dos seus donos. Aquilo era uma versão rude, crua, primeva, do destino dos judeus na Babilônia, ou dos israelitas no Egito. Durante a noite, ouvíamos, procedendo das árvores, um grito longamente sustentado, como se algum Ezequiel primitivo estivesse lamentando a grandeza destruída e as glórias já agora superadas da Cidade dos Homens-macacos. Rachadores de lenha e puxadores de água, isto é o que eles serão, daqui por diante (DOYLE, 1987, p. 225).

Um outro aspecto que nos chama a atenção nesse romance é narração. A história é narrada por três narradores personagens: Malone, Summerlee e Macdona, da *Gazeta Diária*. As experiências desses narradores são projetadas em suas narrativas, como a memória, a visão romântica de mundo, Malone; ciência, Summerlee; “imparcialidade”, Macdona. Seguindo a tipologia de Norman Friedman, temos dois tipos de narradores em *O mundo perdido*: “eu como testemunha” e “narrador-protagonista”. Macdona, jornalista da *Gazeta Diária*, é o responsável por narrar as cartas escritas e enviadas por Malone, e o discurso do Professor Summerlee, porém ele irá narrar esses relatos sob a experiência e olhar de Malone e do Professor Summerlee. Esse tipo de narrador, Norman Friedman denomina como “narrador eu como testemunha”, em razão da posição em que se encontra ao narrar tal fato:

Ele narra em 1.<sup>a</sup> pessoa, mas é um eu já interno à narrativa, que vive os acontecimentos aí descritos como personagem secundária que pode observar, desde dentro, os acontecimentos, e, portanto, dá-los ao leitor de modo mais direto, mas verossímil. Testemunha, não é à toa esse nome: apela-se para o testemunho de alguém, quando se está em busca da verdade ou querendo fazer algo parecer como tal.

No caso do “eu” como testemunha, o ângulo de visão é, necessariamente, mais limitado. Como personagem secundária, ele narra da periferia dos acontecimentos, não consegue saber o que se passa na cabeça dos outros, apenas pode inferir, lançar hipóteses, servindo-se também de

---

<sup>8</sup>Nesse romance temos três narradores: Malone, o jornalista pretendente de Gladys, o qual conta a maior parte da história; Summerlee continua a contar parte da história no salão do *Queen's House*, fornecendo material para Macdona, terceiro narrador, compor a reportagem especial para a *Gazeta Diária*. Cada narrador projeta suas experiências e suas recordações - memória - para a composição de seus relatos.

informações, de coisas que viu ou ouviu e, até mesmo, de cartas ou outros documentos secretos que tenham ido cair em suas mãos. Quanto à distância em que o leitor é colocado, pode ser próxima ou remota, ou ambas, porque esse narrador tanto sintetiza a narrativa, quanto a apresenta em cenas. Neste caso, sempre como ele as vê (FRIEDMAN, apud, LEITE, pp. 37 - 38).

Macdona publica na *Gazeta Diária* o discurso de Summerlee, sob a ótica de um narrador que está do lado de fora e imparcial. Deslumbrado com o acontecido na noite anterior, em sua narração, Macdona, deixa explícito as marcas da comoção que aquele discurso causou na plateia do *Queen's House*. Ao narrar o discurso de Summerlee, segundo Neide Gondim (1996, p. 195), o repórter “retém o pitoresco, o fantástico das notícias contadas pelo ácido professor Summerlee”:

A seguir, pôs calafrios na assembleia, dizendo coisas relativas aos terríveis dinossauros carnívoros, que tinham, em mais de uma ocasião, perseguido membros da junta, e que constituíam os mais formidáveis de todos os seres que eles encontraram. Daqui, o cientista passou para a ave enorme e feroz, o *phororachus*, e para o grande alce, que ainda vagueiam por aquele altiplano. Foi somente quando a ele gizou os mistérios do lago central, entretanto, que se despertou, em sua plenitude, o entusiasmado interesse do auditório (DOYLE, 1987, p. 250).

É com esse olhar de quem escreve sob a ótica de outra pessoa que Macdona narra o episódio de revelação de Maple White e as criaturas pré-históricas descobertas pelos quatro aventureiros. As expressões físicas e corporais de Summerlee, em seu discurso, descritas por Macdona são os elementos que levam o leitor a compreender o estado de espírito do professor e a comoção que seu discurso causou na plateia do *Queen's House*. Preocupado em expressar todas as expressões de espanto e comoção, tanto do orador quanto da plateia, Macdona transmite e reproduz para o leitor, na *Gazeta Diária*, a impressão que o Professor teve no platô e simultaneamente o espanto da plateia ao ouvir sobre aquela terra misteriosa. Da mesma forma, o relato de Malone sairia na *Gazeta Diária*, sob o narrar de Macdona, em forma de suplemento adiante a essa matéria.

O outro narrador é Summerlee, autor do discurso proferido no salão do *Queen's House*. Sob os fortes aplausos e calorosos elogios o Professor faz um discurso pomposo em que o leitor toma conhecimento pelo relato de Macdona. Como porta-voz dos quatro expedicionários, Summerlee, em primeira pessoa narra empolgantemente as aventuras e

perigos sofridos na terra desconhecida, assim como também as criaturas pré-históricas lá existentes.

Malone, narrador mais importante dessa história, assim como Summerlee, em primeira pessoa, é quem nos revela tudo sobre a Amazônia, o planalto e suas criaturas. Seguindo a tipologia de Norman Friedman, Malone se enquadra ao que a autora denomina como “*narrador-protagonista*”:

O narrador, personagem central, não tem acesso ao estado mental das demais personagens. Narra de um ponto fixo, limitado quase que exclusivamente às suas percepções, pensamentos e sentimentos. Como no caso anterior, ele pode servir-se seja da cena seja do sumário, e, assim, a distância entre história e leitor pode ser próxima, distante ou, ainda, mutável. (FRIEDMAN, apud, LEITE, 38 - 39).

Sua narrativa funciona como uma superação de seus medos. Tanto é que esse foi o propósito inicial de sua ida para aquela expedição como forma de mostrar sua bravura para Gladys:

Assim, no dia de amanhã, nós desapareceremos para dentro do desconhecido. Este relato está sendo transmitido por mim, pelo rio abaixo, por meio de canoa, e pode vir a ser a nossa última palavra dirigida àqueles que estão interessados no nosso destino. De acordo com o nosso entendimento, enderecei o relato ao senhor, meu caro Sr. McArdle, e deixo ao seu arbítrio a tarefa de suprimir, alterar ou fazer o que mais lhe agrada com ele. A julgar pela firmeza dos modos do Professor Challenger - e a despeito do continuado ceticismo do Professor Summerlee - não tenho dúvidas que o nosso líder confirmará a sua declaração, e que nós nos encontraremos, realmente, às vésperas de alguma das mais notáveis experiências (DOYLE, 1987, 90).

A história é narrada predominantemente pelo jovem jornalista irlandês Edward Malone, que procura de qualquer forma uma grande aventura para mostrar para sua amada Gladys que era um homem corajoso e poderia se casar com ela. Sua participação nessa aventura na América do Sul, num lugar desconhecido, como corresponde da *Gazeta Diária*, era a oportunidade de Malone demonstrar para Gladys o quanto ele era valente e ganhar o direito de se casar com ela. Malone, como narrador em primeira pessoa, desempenha a função de narrar as peripécias da expedição na Amazônia e descrever a terra de Maple White e enviar para Macdona, em cartas. Esse narrador passa

a ser uma espécie de olho do leitor que vai descobrindo junto com o narrador tudo que está em sua volta e as peripécias que acontecem:

Por fim, ao cabo de uma semana fatigante, chegaram o dia e a hora indicados pelo Professor Challenger. Peço aos leitores que imaginem a sala de estar, em penumbra, da Fazenda Santo Inácio, pouco mais de três quilômetros terra a dentro, a partir da cidade de Manaus. Lá fora, via-se o fulgor amarelo, brônzeo, da luz do sol, contrastado pelas sombras das palmeiras, sombras estas que eram tão negras e tão definidas como o próprio vulto das árvores que as projetavam. O ar apresentava-se calmo, saturado do eterno zumbido dos insetos, que constituía um coro tropical de muitas oitavas, indo ronco grave de abelha, ao silvo agudo e alto do mosquito. (DOYLE, 1987, p. 84).

Veja que o narrador conduz o leitor aos espaços e situações da história, fazendo com que o leitor se sinta dentro e participante da história. Outra característica nessa narração de Malone é a de exercer um diálogo com o leitor, ao se dirigir diretamente a ela.

Malone nessa expedição, como cronista, descreve a terra de Maple White como um *Cosmo* do terror e do medo, povoado por criaturas pré-históricas, em desenvolvimento, humanas e acuadas, onde habitavam dominados e dominadores num sistema selvagem, em que a luta pela sobrevivência era a máxima. Para a descrição e narração da terra descoberta, Malone recorre a modelos de narrativas de muitos anos atrás ao atribuir significados a evolução da espécie em um ambiente que manteve condições perfeitas para a permanência de seres pré-históricos em nosso tempo. Ao mesmo tempo, Malone, em sua narração, ganha a configuração de um cronista viajante que descobre terras novas. Sua narração segue o mesmo percurso dos viajantes que na Amazônia estiveram, como Humboldt, La Condamine, Paul Marcoy, Agassiz e tantos outros que revelaram a *Hilea* para o mundo. O modelo de narração seguido por Malone aliado à fantasia e ciência daquele espaço impressionante, torna *O mundo perdido* um romance híbrido ao mesclar a aventura da viagem com a ficção e ciência que surgiu no século XIX.

Malone nos chama a atenção não apenas pela narração que faz daquele lugar isolado do mundo, mas também pela transformação que tem no decorrer de toda essa expedição. O simples jornalista irlandês que desejava o coração de Gladys, sua amada, se recruta a participar de uma aventura que de início nem ele mesmo sabia se existia

essa tal terra. Porém, ele tinha que realizar um ato de bravura e encontrou nessa viagem uma boa alternativa. O que o leitor vê é, de fato, o jovem jornalista que vai se transformando num grande homem. O primeiro passo dessa sua mudança está justamente ao aceitar em ser o cronista, tarefa essa que o tornará um grande cronista, pela forma em que descreveu e narrou a terra misteriosa.

Malone nessa expedição passa por um processo de amadurecimento, pois nessa viagem e descoberta do novo mundo ele adquire experiência em situações de risco, o que o torna um homem corajoso. E essa sua coragem será revelada ao público londrino com a publicação de suas cartas e experiência naquele mundo na *Gazeta Diária*. Malone deixa claro em uma de suas cartas a intenção de não ser apenas uma atleta de rugby, mas um corajoso homem envolvido em aventuras. Isso se confirma quando no primeiro dia depois de encontrarem um abrigo, Malone sai à noite pelo monte e encontra o lago misterioso e encantado, que será batizado com o nome de sua amada Gladys. O batizado desse lago se torna um feito de bravura do jovem jornalista, visto que o nome de sua amada será lembrado para a eternidade quando se tratarem de Maple White, pois o lago é um dos lugares mais surpreendente desse lugar e foi justamente a partir de sua bravura que ele foi descoberto:

- Por qual razão não deveria o senhor colher esta oportunidade para perpetuar seu próprio nome? - indagou Summerlee, com o seu habitual espírito azedo.

- Confio, meu senhor, em que meu nome terá outras razões, e de ordem mais pessoal, para fazer jus à posteridade - observou Challenger, com severidade. Qualquer *ignoramos* pode transmitir a sua memória inteiramente sem valor, pelo processo de designar, com o próprio nome, uma montanha, ou um rio.

Summerlee, com um sorriso torcido, estava na iminência de efetuar algum novo assalto, quando Lorde John se apressou em interferir.

- Cabe ao senhor, jovem amigo, batizar o lago. - disse ele. - Foi o senhor quem o viu primeiro; e, por Deus!, se o senhor decidir denominá-lo "Lago Malone", ninguém terá direito mais líquido.

- Exatamente isso. Façamos com que o nosso jovem amigo lhe dê um nome - exclamou Challenger.

- Então – fiz eu, ruborizando-me; ousou dizê-lo como eu o disse naquele momento: - Seja o lago denominado "Lago Gladys".

- não pensa o senhor que o nome de "Lago central" seria mais descritivo? – notou Summerlee.

- Eu preferiria "Lago Gladys".

Challenger olhou para mim, com simpatia; depois, abanou a sua cabeça enorme, em sinal de fingida desaprovação.

- Meninos serão sempre meninos - disse ele. - Deixemos que seja “Lago Gladys” (DOYLE, 1987, p. 169).

Sua bravura só foi descoberta por seus amigos na manhã seguinte quando Malone narrou a descoberta do lago e a experiência que passou ao se livrar de criaturas existentes naquele lugar. Sua bravura lhe rendeu o direito de batizar o lago com o nome de sua amada. Malone era o mais inexperiente dos expedicionários, porém foi ele quem descobriu que o platô era habitado por homens e foi o primeiro homem europeu a encontrar o lago primevo. Inúmeras outras façanhas decisivas são realizadas pelo jovem jornalista ao invés dos experientes cientistas e o caçador Roxton. Basta lembrar que foi Malone quem atravessou a primeira entrada secreta que lembrava a inacessibilidade do rio Jurubech, citado por La Condamine. Foi Malone quem conduziu os companheiros pela passagem correta da gruta, ao invés dos experientes expedicionários. Assim, Malone configura a performance do personagem de narrativas de aventura, em que se tem um personagem jovem e inexperiente que com o tempo em suas aventuras vai aprendendo e amadurecendo, invertendo a postura de medroso para corajoso.

Da mesma forma que o romance apresenta três narradores, também presenciamos diversas vozes nele, expressadas pelos personagens Malone, Macdona, Professor Challenger, Professor Summerlee e Roxton, cada uma com sua particularidade e expressando a forma de ver e interpretar o mundo de acordo com suas formações.

A partir das vozes desses personagens podemos identificar a polifonia nessa obra, de acordo com os pressupostos de Bakhtin. Segundo esse teórico, “o romance polifônico é inteiramente dialógico. As relações dialógicas se estabelecem entre todos os elementos estruturais do romance, isto é, eles se opõem e se relacionam entre si” (BAKHTIN, 2010, p. 47). Roland Barthes (1980), também considera o texto literário como uma trança, como um tecido repleto de vozes em seu livro *S/Z*, nisso seu pressuposto se aproxima muito do de Bakhtin a propósito da polifonia<sup>9</sup>. Além disso, o dialogismo nos aspectos de

---

<sup>9</sup>Roland Barthes também trata de textos polifônicos, de narrativas marcadas essencialmente pela diversidade de vozes e de perspectivas, e é justamente em razão deste caráter plural da escrita, em outras palavras, da linguagem. A convivência de perspectivas diversas, que não se reduzem a um denominador único, constitui, portanto, a base da noção de polifonia, observada por Bakhtin (2010, p.05), em *Problemas da poética de Dostoiévski*, como aspecto constitutivo do novo gênero romanesco: o romance polifônico. Não obstante, estudar a polifonia requer também o resgate de outro conceito bakhtiniano, o de dialogismo, visto que todo o romance polifônico é inteiramente dialógico. A polifonia e o dialogismo são elementos que se encontram interligados e levam as personagens ao conflito de vozes e a irredutibilidade de posições. Para Bakhtin, - as relações dialógicas se estabelecem entre todos os elementos estruturais do romance, isto é,

transtextualidade na sua concepção “de ler um texto em outro” também complementa o nosso suporte teórico. Tal procedimento ocorre em *O mundo perdido* quando Macdona fica responsável de ler as cartas de Malone e reproduzir o discurso do professor Summerlee.

Nesse sentido, podemos entender *O mundo perdido* como um romance polifônico pela diversidade de perspectivas que encontramos nos discursos dos diversos personagens que se expressam a partir de suas vivências no mundo. No caso desse romance temos: a visão de aventura e coragem em Lorde John Roxton; o discurso jornalístico, que pretende ser imparcial, em Macdona; o discurso do desafio, da aventura e da coragem, em Malone, que vai se construindo aos poucos nesse personagem e; por fim, o discurso da ciência com os professores Challenger e Summerlee, que por sua vez, trata de discursos discordantes em razão de cada um ter um modo de interpretar e analisar a ciência:

Quanto às hostilidades entre os dois cientistas, elas são contínuas e amargas. Deve-se admitir que Challenger é provocador em grau máximo; contudo, Summerlee tem língua ácida, o que torna o caso ainda pior. Na noite passada, Challenger declarou que nunca se incomodara de caminhar ao longo do cais do Tâmesa e olhar o rio acima, porque é sempre triste a gente ver a própria meta eventual. Ele está convencido, naturalmente, de que está destinado a ter sepultura na Abadia de Westminster. Summerlee retorquiu, entretanto, com um sorriso azedo, dizendo que havia tido notícias de que a Prisão de Millbank havia sido derrubada. Convencimento do Professor Challenger é colossal, e, portanto, não lhe permite sentir-se aborrecido com o mal que os outros dizem dele. Ele apenas sorriu, por dentro de sua barba, e repetiu: \_\_\_ “Realmente!” \_\_\_ num tom de piedosa paternidade, como esse que se usa para com uma criança. Com efeito, os dois são crianças: um, encarquilhado e rabugento; outro, formidável e torreante; e cada qual dotado de um cérebro que o colocou na fila dianteira da sua época científica. Cérebro, caráter, alma ...  
O caso é que, quanto mais se conhece a vida, melhor se compreende a distinção que há entre uma dessas três coisas (DOYLE, p. 92).

---

eles se opõem entre si, como um contraponto (BAKHTIN, 2010, p. 47). Trata-se, então, de um ponto contra outro, ou seja, de diferentes vozes que discutem sobre um mesmo tema, o que corrobora uma espécie de multivocalismo, capaz de traduzir a diversidade da vida e a complexidade das relações humanas, ou seja, tudo que tem sentido e relevância. Existe ainda um extrato mais abrangente do dialogismo que contempla não apenas a dimensão verbal da comunicação, mas também os elementos de natureza contextual existentes nela: as enunciações que ocorrem no âmbito das relações dialógicas entre indivíduo e sociedade, considerando aspectos históricos, ideológicos, linguísticos e culturais.



De formações diferenciadas os dois cientistas constantemente discordavam sobre os vários objetos e seres e ambientes encontrados em Maple White:

Durante o dia todo, os tambores ruflaram e sussurraram, enquanto a sua ameaça se refletia no rosto dos nossos companheiros de cor. Até o mestiço, robusto e fanfarrão, parecia amedrontado. Fiquei sabendo, entretanto, naquele dia, e de uma vez por todas, que tanto Summerlee como Challenger possuíam esse tipo de superior de coragem, que é a coragem do espírito científico. O espírito que eles revelavam era o mesmo que mantivera Darwin no meio dos gaúchos da Argentina, ou Wallace no seio dos caçadores de cabeças da Malaia. Está decretado, por uma Natureza apiadada, que o cérebro humano não pode pensar em duas coisas ao mesmo tempo; de modo que, se ele estiver animado pela curiosidade para com a ciência, nele não sobrá lugar para considerações de ordem pessoal. Durante o dia todo, em meio àquela ameaça incessante e misteriosa, os nossos dois Professores observaram todas as aves que voavam, e todos os arbustos que se encontravam à margem; travavam-se entre eles muitas discussões acaloradas e verbosas, quando a ironia de Summerlee replicava, prontamente, ao regougo profundo de Challenger, mas não se notava qualquer preocupação maior, quanto ao perigo, nem se ouvia qualquer alusão mais acentuada aos índios tamboriladores, do que se os dois estivessem sentados, um ao lado do outro, na sala de fumar do Clube da Sociedade Real, em St. Jame's Street, em Londres. Somente uma vez os dois condescenderam em discutir a propósito daqueles índios.

- São canibais miranhas, ou amajuaca - explicou Challenger, sacudindo seu polegar na direção da floresta reverberante.

- Não há dúvida, meu senhor - respondeu Summerlee. - À vista de todas essas tribos, espero verificar que elas são de língua polissintética e de tipo mongólico.

- Polissintética, por certo - disse Challenger, indulgentemente. - Não tenho ideia de que qualquer outro tipo de linguajar exista neste continente; e eu possuo notas a respeito de mais de uma centena. Quanto à teoria mongólica, encaro-a com profunda suspeição.

- eu tinha pensado que até mesmo um conhecimento limitado, relativo à Anatomia Comparada, bastaria para ajudar a verificar isso - comentou Summerlee com amarga ironia.

Challenger empurrou para a frente o seu queixo agressivo, até ao ponto de ele se transformar, todo inteiro, em barba e aba de chapéu. E disse:

- Não há dúvida, meu senhor; um conhecimento limitado produziria esse efeito. Quando, porém, o conhecimento que a gente possui é exaustivo, então se chega a conclusões bem diversas.

Os dois olharam-se reciprocamente, em desafio mútuo; enquanto isto, ao redor de nós, subia o sussurro distante, dizendo: "Nós os mataremos ... Nós os mataremos, se pudermos" (DOYLE, pp. 96- 97).

A partir do recurso da polifonia, Arthur Conan Doyle conseguiu resgatar e trazer os vários pontos de vistas e modos de análises da ciência do século XIX para a ficção. As diferentes formas de analisar entender a mundo estavam em vigor naquele momento,

notadamente na biologia e zoologia. Conceitos e teorias estavam caindo por terra e novos entravam em vigor, como foi o caso da Teoria da Evolução das Espécies, criada por Darwin. Os desentendimentos entre Challenger e Summerlee é a captura de um momento em que retrata o conflito entre as velhas teorias e conceitos, com a nova e moderna ciência que descortinava uma nova forma de analisar e compreender o mundo. As concepções calcadas na moral ou fé religiosa estavam caindo por terra enquanto que a metódica científica entrava em ação.

Ainda que Challenger e Summerlee se divergissem sobre a interpretação de como analisar os seres e o mundo, fato comum na ciência, ambos estavam inclinados para uma interpretação moderna em que abrisse caminho para novas formas de interpretação. As vozes de Challenger e Summerlee não podem ser vistas como vozes do autor, mas sim como um veículo de transmissão do pensamento científico do fim do século XIX. Arthur Conan Doyle não modela as vozes desses personagens, permite que eles se expressem de acordo com suas concepções e visões de mundo, de acordo com suas formações, pois tanto Challenger como Summerlee são expressões da ciência moderna.

Pode-se concluir assim que *O mundo Perdido* é um romance polifônico em que a discussão sobre a ciência moderna toma conta do discurso dos personagens dessa obra. Todos os personagens, em seus discursos, se apresentam a partir de suas concepções de mundo. Malone, a partir de sua formação como jornalista e jogador de rugby nos descreve a terra de Maple White como um aventureiro inexperiente que vai se aprimorando aos poucos a partir dos perigos que passa e supera, o que o torna um personagem típico do romance de aventura. Malone ao chegar em Londres teve a surpresa de encontrar sua amada casada com outro homem, porém a experiência que teve nessa jornada lhe serviu como amadurecimento.

As vozes dos demais personagens são a expressão de suas experiências e formações, como ficou claro a ciência em Challenger e Summerlee, a aventura e coragem em Lorde John Roxton e, por fim, o jornalismo em Macdona.

Por fim, em *O Mundo perdido* a Amazônia é cenário privilegiado para Arthur Conan Doyle apresentar e discutir a teoria da evolução da espécie e seleção natural, em um lugar - platô - onde havia as condições propícias para - ficcionalmente - seres pré-históricos poderem sobreviver até o século XX. Assim a busca pelo mundo perdido pode ser visto também como uma alusão às origens do homem.

## BIBLIOGRAFIA

- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Problemas da Poética de Dostoievski*. 5ª. Ed. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- BARREIRO, Jose Carlos. *Imaginário e viajantes no Brasil do século XIX: cultura e cotidiano, tradição e resistência*. São Paulo: Editora da UNESP, 2003.
- BARTHES, Roland. *S/Z*. Trad. Maria de Santa Cruz e Ana Malfaldi Leite. Lisboa: Edições 70, 1980.
- BELLI, Roberto C. *Ficção científica: um gênero para a ciência*. Blumenau: Edifurb, 2012.
- BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia - formação social e cultural*. 3º. Ed. Manaus: Valer, 2009.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 43º. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CANDIDO, Antonio. "Literatura comparada". In: *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.pp. 211 - 215.
- CESARANI, Remo. *O fantástico*. Trad. Nilton Cezar tridapalli. Curitiba: Editora da UFPR, 2006.
- DARWIN, Charles. *A origem das espécies: texto integral*. São Paulo: M. Claret, 2004.
- DOYLE, Arthur Conan. *O mundo perdido*. Trad. Raul de Polillo. São Paulo: Melhoramentos/ Clube do Livro, 1987. (Série contos e novelas fantásticas) Volume VI.
- ESPAGNE, M, WERNER, M. (Dir.). *Transferts. Les relations interculturelles dans l'espace franco-allemand (XVIIIe-XIXe siècle)*. Paris: Recherches sur les civilisations, 1988. In: SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. A cúria papal e a diocese de Calahorra: as transferências normativas do poder eclesiástico central ao local no século XIII. In: Fábio de Souza Lessa. (Org.). *Poder e Trabalho. Experiências em História Comparada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2008, v. 1, p. 59-84.
- ESPAGNE, Michel. *Les transferts culturels franco-allemands*. Paris: PUF, 1999.
- FRITZEN, Celdon. *Mito e luzes em representações da Amazonia*. Tese doutorado - Instituto de Estudos da Linguagem - Unicamp: Campinas, 2000.
- FURTADO, Felipe. *A construção do fantástico na narrativa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1980.
- GINWAY, M. Elizabeth. *Ficção científica brasileira - mitos culturais e nacionalidade no país do futuro*. Trad. Roberto de Sousa Causo. São Paulo: Devir, 2005.

GONDIM, Neide. *A invenção da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero, 1994.

HARDMAN, Francisco Foot. *A vingança da Hiléia: Euclides da Cunha - a Amazônia e a literatura moderna*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

HEMMING, John. *Fronteira Amazônia: a derrota dos índios brasileiros*. Trad. Antonio de Padua Danesi. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

JOYEUX-PRUNEL, Béatrice. *Les transferts culturels: Um discours de laméthode, Hypothèses*. 2002/1 p. 149-162. Disponível em: <<http://www.cairn.info/revue-hypotheses-2002-1-page-149.htm>> Acesso em: 20 mai. 2013.

LEITE, Moreira Miriam Lifchitz. *Livros de viagem (1803 -1900)*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1997.

LIMA, Araujo. *Amazonia: a terra e o homem*. 4º. Ed. São Paulo: Editora Nacional; Brasília: INL, 1975.

MAGALHÃES, Sônia de. “O olhar dos viajantes: os modos dos mineiros à mesa”. In: *A mesa com Mariana: produção e consumo de alimentos em Minas Gerais (1750-1850)*. São Paulo: Annablume; Fapespa, 2004.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. *Fatos da literatura amazonense*. Manaus: Universidade do Amazonas, 1976.

OTERO, L. G. *Introdução a uma História da Ficção Científica*. São Paulo: Lua Nova, 1987.  
REIS, Arthur Cezar Ferreira. In: LINS, José dos Santos. *Seleção literária do Amazonas*. Manaus: Edições do Governo do Estado do Amazonas, 1966. pp 15 - 16.

RODRIGUES, Selma Calasans. *O fantástico*. São Paulo: Ática, 1988.

ROUANET, Maria Helena. *Eternamente em berços esplêndidos - a fundação de uma literatura nacional*. Pref. Liz Costa Lima. São Paulo: Siciliano, 1991.

SANTOS, Edmar Guirra dos. *Retratos literários: o discurso científico na obra de Jules Verne*. dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.

SANTOS, Roberto de Araújo de Oliveira. *História Econômica da Amazônia: 1880 - 1920*. São Paulo: T.A. Queiróz, 1980.

SCHOEREDER, Gilberto. *Ficção científica*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

SERRES, Michel. *Júlio Verne: a ciência e o homem contemporâneo*. Trad. Mônica Cristina Corrêa. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

**Revista do SELL**

v. 6, no. 2

ISSN: 1983 – 3873

SILVA, Leonardo Dantas e GASPAR, Lúcia. “Brasil 500 anos, viagens e viajantes: uma bibliografia”. *Ciência & Trópico*. Recife, v. 28, n. 2, p. 249- 311, jul./dez. 2000.

SOUSA CAUSO, Roberto. *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil, 1875 a 1950*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

SOUSA, Márcio. *A expressão amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo*. São Paulo: Alfa-Omega, 1978.

SOUSA, Márcio. *Breve história da Amazonia*. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Agir, 2001.

TAVARES, Bráulio. *O que é ficção científica*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

TOCANTINS, Leandro. *Amazônia: natureza, homem e tempo*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1982.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução a literatura fantástica*. Trad. Maria Clara Correa Castello. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

TUFIC, JORGE. *Existe uma literatura amazonense?:(ensaios)*. Manaus: União Brasileira de Escritores, [1985?].

VERNE, Júlio. *A jangada - Oitocentas léguas pelo rio Amazonas*. Trad. Pompeu Garrido. 5ª. Ed. Rio de Janeiro: Editora Paulo de Azevedo, Lisboa: Livraria Bertrand.[19..?] (Grande edição popular das viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e reconhecidos). Vol 9.